

A GRAVURA SOCIAL

"Marchem com as multidões"

Na conferência "O Movimento Modernista", Rio de Janeiro 1942, Mário de Andrade faz uma avaliação do trajeto dos modernistas históricos e uma severa autocrítica de sua participação.

(...) "Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados de técnicos da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões".

As expressões "torre de marfim" e "arte pela arte" junta-se então "na beira do caminho" significando a recusa dos artistas em estabelecer um vínculo imediato de sua arte com as circunstâncias sociais e políticas que os cercam.

O apelo de Mário de Andrade em 1942 encontrou-se com a prática de alguns e incentivou outros. As décadas de 40 e 50 marcaram o maior envolvimento do artista — através de sua obra — na denúncia da exploração do homem, na defesa de melhores condições de vida e na luta contra os sistemas opressores. Acontecimentos históricos poderosos, no Brasil e no mundo, fizeram-no descer de sua torre, deixar a beira do caminho e entrar na estrada. Os interesses mais recentes dos artistas, preocupados com o fato social e político, referem-se ao período pós 1964, à violência urbana e defesa das minorias raciais e à situação da mulher no processo de sua valorização social. A circulação das idéias traduzidas na apresentação de temas, que devem atingir o maior número possível de interessados e despertar o envolvimento dos adormecidos, encontra na gravura um meio expressivo adequado. Por suas características — de produtora de cópias e mul-

tiplicadora de imagens — a gravura desfaz o conceito de obra única, estende o pensamento criador e, em certa medida, socializa o consumo da obra de arte.

A GRAVURA FANTÁSTICA

A estampa de São Jorge é destaque no acervo das imagens que integram os cultos e cerimônias religiosas dos brasileiros. A origem da estampa é a 2a. versão do tema pintado por Rafael em 1505.

Da vida de São Jorge, a lenda de sua luta contra o dragão ficou como símbolo de sua fé. O fato é tão poderoso que obscurece os outros acontecimentos da vida do santo guerreiro.

A estampa, que nos é familiar, fascina pela coragem do homem em enfrentar a cavalo um ser desconhecido vindo do fundo das águas. Da cena, o dragão é o elemento fantástico, ou melhor, grotesco. Fantástico é o conjunto da imagem. O santo, um corajoso e romântico cavaleiro medieval, um príncipe de um conto de fadas. As cores saturadas incentivam o encantamento da imagem. Na pintura de Rafael está declarada também uma luta; a da arte veículo do bem e da beleza (guerreiro e cavalo) contra a revelação da maldade e do grotesco (o dragão). A luta inquieta põe a arte também descobrindo um mundo sombrio, abalando as leis que dirigem o universo e que escurecem a claridade da arte clássica, mostrando o noturno da vida. A vida fora dos eixos.

Das zonas perdidas, de lugares, ilhas isoladas do mundo visível, do fundo do imaginário da memória dos povos, de outras regiões inacessíveis brotam, aparecem seres e cenários das mais variadas naturezas. Deformados, híbridos, assustadoramente: macabros, sinistros, rancorosos, debochados ou tão belos e serenos que não são deste mundo. Todos vindos de uma fascinante zona perdida. Seres criados pelo homem para expurgar, concretizar, separar gravando — na madeira, pedra, metal, com instrumentos penetrantes, ácidos corrosivos, linhas precisas, sombras intensas e luzes esquisitas — um mistério que também aí não se resolve. Se revela na matéria, surge diante de nossos olhos. O horror ganha um pouco de luz e uma face.

A GRAVURA ABSTRATA

O choque modernista de 1922 produziu o aceleramento da arte brasileira procurando integrá-la às conquistas conseguidas, a partir do final do século, pela arte européia. Nesse estar ao lado com a arte internacional, somente foi explorada a figuração em suas mais variadas tendências: o expressionismo exaltado, um leve toque surrealista, um certo tratamento geométrico na composição e o realismo crítico e documental socialmente comprometido. Ao deixar de ser uma reprodução fiel ou transformada do visível, por mais ousada que fosse, a arte brasileira ainda mantinha, mais ou menos acentuado, o vínculo com o mundo exterior. A abstração somente vai começar a ser incorporada definitivamente ao final da década de 40. Após luta intensa entre figurativos e abstratos, estes, afinal, conseguem reconhecimento.

A criação — ao final dos anos 40 e início dos 50, do Museu de Arte de São Paulo, dos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro e da Bienal de São Paulo — renovou o ambiente artístico apresentando ao público e, principalmente, aos artistas as diversas manifestações da abstração. Essas instituições cumpriram a função de mostrar as últimas tendências e o resumo, em exposições panorâmicas, da trajetória da arte no século XX. À atividade museológica acrescenta-se a ação didática de um museu moderno — que amplia seus serviços através de bibliotecas, cursos, palestras, debates, exhibições de filmes e peças de teatro — sempre atento a qualquer atividade direta ou indiretamente relacionada com a criação artística.

Sobre a função da Bienal de São Paulo, Lourival Gomes Machado escreveu: "duas tarefas principais: colocar a arte moderna do Brasil não em simples confronto, mas em vivo contato com a arte do resto do mundo, ao mesmo tempo que para São Paulo se buscaria conquistar a posição de centro artístico mundial".

Amparada por essas instituições, a abstração ganha vitalidade revelando artistas criadores e sensibilizando o público interessado em arte. Os elementos formadores: linha, plano, forma, mancha, espaço, cor, luz, matéria, com valores próprios realçados em seus significados e acrescentados outros, pela sensibilidade do artista, tornam-se o motivo da arte. Alimentando-se de si mesma, a gravura retira dos elementos abstratos e das características dos materiais que a constroem — metal, madeira, pedra e fibra — superfícies que vão do mais extremo rigor formal até o mais envolvente clima poético.

"GRAVURA BRASILEIRA - 4 temas" é a reunião de 40 gravadores que exerceram e exercem o ofício explorando as vertentes do fantástico, do social, da abstração e a gravura de "novos temas".

A exposição não pretende um levantamento histórico, mas, em três segmentos — a gravura social, a gravura abstrata e a gravura de "novos temas" — ficam caracterizadas as épocas em que a maior parte das obras foi produzida.

Nomes essenciais na prática, ensino e divulgação das diversas técnicas gráficas não estão aqui mostradas: Carlos Oswald, Raimundo Cela, Leskoschesk, Orlando Dasilva.

Um pequeno destaque é dado a Oswaldo Goeldi, artista resistente, que elevou a xilogravura à condição de ser vista com a mesma atenção que se dedica às outras formas de criação plástica.